

CINEMA, SOCIEDADE E MUNDO DO TRABALHO

CINEMA, SOCIETY AND WORLD OF WORK

Prof. Dr. José de Lima Soares⁴⁶
Universidade Federal de Catalão – UFCat

Área Temática: Trabalho

Resumo: Trata-se de uma pesquisa de extensão universitária em andamento que busca utilizar a análise de filmes para discutir conteúdos temáticos da sociologia no âmbito do mundo do trabalho e suas metamorfoses e novas configurações que têm incidido diretamente nas condições materiais de existência, bem como no plano da subjetividade da classe trabalhadora. Com isso, pretendemos debater os marcos da acumulação capitalista do século XXI, que tem mesclado o velho padrão taylorista e fordista com a acumulação flexível, cuja expressão maior é o toyotismo que tem se expressado nas diferentes formas de exploração dos trabalhadores, com a implementação da terceirização, uberização, precarização e flexibilização do trabalho.

Palavras-chave: *Cinema; Extensão; Precarização do Trabalho.*

Abstract: This is a research of university extension in progress that seeks to use the analysis of films to discuss thematic contents of sociology within the world of work and its metamorphoses and new configurations that have directly focused on the material conditions of existence, as well as in the subjectivity of the working class. With this, we intend to discuss the milestones of capitalist accumulation of the 21st century, which has merged the old Taylorist and Fordist pattern with flexible accumulation, whose greatest expression is the toyotism that has been expressed in the different forms of exploitation of workers, with the implementation of outsourcing, uberization, precarious and flexibilization of work.

Keywords: *Cinema; Extension; Precariouness of work.*

INTRODUÇÃO

A relevância do cinema na construção de uma subjetividade cultural é tão forte que, segundo Xavier (1983), a relação filme/expectador evidencia privilégio às tentativas de caracterizar, discutir, avaliar a experiência audiovisual oferecida pelo cinema que, com suas imagens e sons, torna-se atraente e legível, de modo que consegue a mobilização poderosa dos afetos e se afirma como instância de celebração de valores e reconhecimentos políticos, ideológicos nas pessoas.

Desse modo, podemos dizer que o uso de filmes enquanto recurso didático cresce a cada dia, possibilitando que o aluno adquira mais conhecimentos sobre um tema específico e ao mesmo tempo desenvolva novas competências e habilidades e tenha mais gosto pelas aulas de Sociologia e/ou

⁴⁶ É professor associado de Sociologia da Unidade Acadêmica de História e Ciências Sociais – UFCAT - GO.

disciplinas afins. Fazendo do cinema uma ferramenta que ajudará o professor a relacionar melhor os diversos conteúdos a serem trabalhados no cotidiano dos seus alunos.

Por mais que as universidades tenham enfatizado o seu papel extensionista, vemos que na prática a realidade é outra, ou seja, elas têm se preocupado muito em “formar” cidadãos, esquecendo que além dos muros existem comunidades diversas e também portadoras de necessidades diversas. Portanto, acredita-se que o presente projeto pode ajudar e assessorar professores e alunos do ensino médio de uma determinada instituição, além de contribuir para a redução da lacuna entre universidade e comunidade, podendo propiciar novas discussões no âmbito desses locais e consequentemente facilitar a inserção dessas pessoas.

Nota-se que hoje a influência das mídias tem aumentado e, principalmente, em crianças e adolescentes tem exercido um grande fascínio, o que leva o professor a se adequar e fazer uso destes recursos como aliados ao processo ensino-aprendizagem. O cinema é visto como uma educação formal na escola, o que aponta uma urgência à educação audiovisual na sala de aula por parte do professor, adequando-se a este recurso novo.

Napolitano (2003), entende que trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e levada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte. O ensino de Sociologia pode ser, por vezes, restrito e um tanto cansativo por conta das teorias e concepções e uma gama de autores nem sempre fáceis de serem compreendidos, acaba fazendo com que uma boa parcela dos alunos não se sinta motivada para continuar nas Ciências Sociais.

Acreditamos que uma boa parte da responsabilidade - não toda, é claro - pode ser delegada aos próprios professores que não oferecem o devido incentivo, sejam por desconhecerem recursos didáticos e sua forma de utilização, seja por se acomodarem em tradicionais técnicas de ensino.

Historicamente, o potencial do cinema como instrumento de propaganda, de propagação de ideias e valores, foi desde cedo percebido tanto pelas indústrias (hollywoodiana, bélica, de comércio) como pelos governos (de direita, de esquerda, totalitários, movimentos revolucionários). Expressões como “apoderar-se do cinema”, “controlá-lo”, “dominá-lo” são de uso recorrente nos primeiros políticos soviéticos, como Leon Trotsky, Anatole Lunatcharski e mesmo Lenin. O Partido Comunista da URSS procurou no cinema um contraponto para os atrativos do álcool, da religião e do jogo, maneira de entreter e simultaneamente educar as massas nos princípios oficiais do regime soviético. O regime pretende se expressar através de cine-jornais. A partir de 1918, estes oferecem uma representação bastante completa da realidade soviética” (FERRO, 1992, p. 27). Em contrapartida, foi esse interesse do Estado pelo cinema que possibilitou o desenvolvimento da escola soviética, cujos grandes cineastas (Eisenstein,

Pudovkin, Kulechov, Vertov) realizaram obras de indiscutível valor artístico e articularam teoricamente o fazer cinematográfico, em apontamentos que se tornaram fundamentos clássicos da teoria do cinema (LISBOA, 2016).

O revolucionário russo Leon Trotsky (1979) em seu ensaio *Questões do modo de vida*, publicado em 1923, ao dirigir sua crítica ao iminente processo de burocratização soviética, chama a atenção para a constituição de um novo modo de vida. Trotsky entende que, neste domínio, o cinema representa um meio que ultrapassa de longe todos os outros. Essa surpreendente invenção penetrou na vida humana com uma rapidez jamais vista no passado. Nas cidades capitalistas, o cinema faz agora parte integrante da vida cotidiana do mesmo modo que os balneários, os estabelecimentos de bebidas, a igreja e as demais instituições necessárias, louváveis ou não. A paixão pelo cinema é ditada pelo desejo de diversão, de ver qualquer coisa de novo, de desconhecido, de rir e até de chorar, não acerca das infelicidades próprias, mas das de outrem. Todas essas exigências o cinema satisfaz de forma mais direta, mais espetacular, mais imaginativa e mais viva, sem que nada se exija do espectador, nem mesmo a cultura mais elementar. Daí esta reconhecida atração do espectador pelo cinema, fonte inesgotável de impressões e de sensações. Tal é o ponto de partida, e não só o ponto de partida, mas o domínio imenso a partir do qual se poderá desenvolver a educação socialista (TROTSKY, 1979).

MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de uma revisão sistemática da literatura especializada, que inclui livros e artigos científicos que estudaram os temas referentes ao papel do cinema na contextualidade do mundo do trabalho na sociedade contemporânea. O ponto de partida é a compreensão do método científico como um caminho para se chegar ao conhecimento de uma determinada realidade. Não um caminho traçado arbitrariamente, mas de acordo com a concepção dialética que se tem dessa mesma realidade, ou seja, a definição do método do conhecimento não é independente da definição do objeto do conhecimento.

Joaquim Severino (2005) entende que a ciência, enquanto conteúdo de conhecimentos, só se processa como resultado da articulação do lógico com o real, da teoria com a realidade. Insiste o autor, que a pesquisa científica, deve superar o simples levantamento de fatos e dados, buscando sempre articulá-los no nível de uma interpretação teórica. É com base nesta lógica que a ciência se constrói e se desenvolve. “*A descoberta científica é sempre provocada pela tensão gerada pelo problema. Daí a necessidade de se estar vivenciando uma situação de problematização*”. (SEVERINO, 2005, p. 148).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

No Brasil, indubitavelmente, o Cinema Novo propôs e criou uma nova estética visual e sonora num universo “integrado por sertão, favela, subúrbio, vilarejos do interior ou da praia, gafieira e estádio

de futebol” (GOMES, 1980, 96), elementos constantemente presentes na filmografia nacional até os dias de hoje. O Cinema Novo trouxe em sua essência a proposta de um cinema político, no qual se percebia o diálogo sobre as questões coletivas que permeavam temas como: as lutas de classe, a religião, a política, o anticolonialismo, a libertação do oprimido (JUNIOR, 2013). Para Jean-Claude Bernardet (2006) o Cinema Novo criou uma situação cultural nova: apesar da repercussão de *Rio, Quarenta Graus* e mais um ou outro filme, o cinema brasileiro era totalmente desconsiderado pelas elites culturais; só o público popular se relacionava bem com uma parte da produção, geralmente conhecida como “chanchada”. Com o Cinema Novo, as elites - ou parte delas - passam a encontrar no cinema uma força cultural que exprime suas inquietações políticas, estéticas, antropológicas. Externamente, o Cinema Novo permitiu que se estabelecesse com outros países um diálogo cultural; é raro que isto ocorra por parte de um país subdesenvolvido. Esse trabalho internacional do Cinema Novo foi importante para sua receptividade interna. A elite, por ser dependente dos centros culturais dos países industrializados, hesitava em aceitar o Cinema Novo. A repercussão internacional dos filmes deu-lhe uma certa segurança. Se a Europa elogiava, é que algo de elogiável devia haver (BERNARDET, 2006). O Cinema Novo surge como uma voz revolucionária em meio a uma tensa situação política, seis meses após o golpe de Estado que depôs, em 1964, o governo de João Goulart e em uma época em que a produção cinematográfica era objeto de consumo condicionado ao colonialismo. Tudo começa em 1952 com o I Congresso Paulista de Cinema Brasileiro e o I Congresso Nacional do Cinema Brasileiro. Por meio desses congressos, foram discutidas novas ideias para a produção de filmes nacionais. Uma nova temática de obras já começa a ser abordada e concluída mais adiante, por uma nova fase do cinema que se concretiza na década de 1960 (COSTA, MOTTA, RICCO; [200-?]).

De acordo com Silva Junior (2006) no Cinema Novo, portanto, convergiam duas grandes tendências: a arte e a política. Neste contexto Glauber Rocha se configurou no cinemanovista que melhor representou o movimento, pois além de ser o diretor brasileiro mais conhecido no exterior, ele é o único a se comprometer a levar a diante o ideário cinemanovista, mesmo no período dos anos 70, quando o movimento apresentava sinais de fadência. Reconhecidamente, nenhum outro se empenhou de modo tão intenso na continuidade do Cinema Novo. Silva Junior (2006) entende ainda o Cinema Novo não apenas um movimento artístico/cultural, mas como expressão real da militância de um grupo de intelectuais interessados em atuar politicamente. Nesse sentido a câmera se torna um instrumento que serve para perscrutar a realidade social e para propor soluções, e que em última instância tinha como meta estimular um processo revolucionário.

O cinema pode ser utilizado como meio para estreitar e fortalecer os laços existentes com outros dispositivos sociais que a cidade oferece – sendo a universidade um deles, bem como potencializar a criação de novas relações, favorecendo a integração e a permeabilidade desejável entre academia e

sociedade. Sendo assim, o projeto procura promover uma implicação subjetiva dos diferentes atores envolvidos no processo da transmissão de saber. Desta maneira, visamos contribuir para a superação das fragmentações no processo de produção e transmissão de conhecimento, tornando-o mais integrado à dinâmica das relações sociais.

A universidade consiste no espaço formal destinado à produção e disseminação do conhecimento, e o cinema pode ser uma importante ferramenta para complementar o desenvolvimento dos processos de ensino e aprendizagem, uma vez que retrata e questiona contextos e problemas sociais passados, presentes e futuros que carecem de uma visão multicêntrica para sua compreensão e análise, o que favorece o diálogo entre disciplinas e saberes diversos. O cinema enquanto recurso educacional extrapola os limites das metodologias de ensino tradicionalmente empregadas, propiciando aos alunos/espectadores o envolvimento com histórias de vida diferentes, estimulando o pensamento, a criatividade, o poder de síntese e argumentação, a reflexão e a criticidade, tendo papel humanizador.

CONCLUSÃO/ O QUE SE ESPERA DESTA PESQUISA

Com a presente pesquisa de extensão pretende-se, portanto, contribuir com a formação humanística dos discentes da UFCAT, sensibilizando-os para a prática efetiva da cidadania e ofertando uma nova proposta pedagógica que extrapole o ambiente da sala de aula e promova o diálogo com a comunidade externa no sentido de poder transformar efetivamente a realidade social. Na verdade, essa prática já tem sido uma constante na sala de aula, ao longo dos anos, quando tenho ministrado as disciplinas Sociologia I (Introdução à Sociologia), Sociologia II (Sociologia Clássica), Sociologia III (Sociologia Contemporânea), Sociologia IV (Sociologia Brasileira), Sociologia V (Sociologia da Cultura) e os Núcleos-Livres Sociologia do Trabalho e Cinema e Sociedade.

Daí a importância de trabalharmos com diretores que tem focado ao longo de seus filmes na temática do mundo do trabalho, como Charles Chaplin (Tempos Modernos); Sergei Eisenstein (A greve e O encouraçado Potemkin); além de clássicos do expressionismo alemão, com Fritz Lang (Metrópolis), passando pelo neorrealismo italiano, com Vittorio de Sica (Ladrões de bicicletas), Luchino Visconti (A terra treme); Akira Kurosawa (Viver); Andrzej Wajda (O homem de mármore); Stijn Coninx (Daens – um grito de justiça); (Elio Petri (A classe operária vai ao paraíso); Mario Monicelli (Os companheiros), Ken Loach (Você não estava aqui; Eu, Daniel Blake; Pão e Rosas); Irmãos Dardenne (Rosetta; Dois dias, uma noite), e, no Brasil, com diretores como João Baptista de Andrade (O homem que virou Suco); Luiz Sérgio Person (São Paulo S/A); Renato Tapajós (Linha de Montagem); Leon Hirszman (Eles Não Usam Black-tie), entre outros.

Temos consciência de que não bastaria apenas criar as condições para o conhecimento da realidade, sendo também necessário construir este desenho abstrato-conceitual da própria realidade, vislumbrando, assim, a construção de propostas concretas e efetivas de intervenção no mundo social.

Para tanto, no plano prático, pretende-se operacionalizar a proposta de artesanato intelectual (MILLS, 1975), ativando artérias e jorrando imaginação sociológica para a construção das novas questões e possibilidades explicativas para problemas aqui apresentados.

REFERÊNCIAS

BERNADET, Jean-Claude. **O que é cinema** São Paulo: Brasiliense, 2006.

COSTA, Nicolay de Souza; MOTTA, Rafael Vieira; RICCO, Adriana Sartório. **A linguagem do cinema novo: Glauber Rocha e seus mitos.** Disponível em: <
<http://webjornal.fesv.br/artigos/arquivos/alunos/rafael.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

FERRO, Marc. **Cinema e história.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GOMES, Paulo Emílio Salles. 1980. **Cinema:** trajetória no subdesenvolvimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

LISBOA, Edimara. A vida verdadeira do Sambizanga em tempos de viragem. **Revista Crioula USP**, nº 17, junho de 2016.

MILLS, Charles Wright. **A imaginação sociológica.** Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula.** São Paulo, Contexto, 2005.

ROCHA, Glauber. 1980. **A revolução do cinema Novo.** Rio de Janeiro: Alhambra/Embrafilme.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Cortez Editora, 2005.

SILVA JUNIOR, Humberto Alves. 2006. **Glauber Rocha: arte, política e cultura.** Trabalho apresentado no II ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, realizado de 03 a 05 de maio de 2006, na Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil.

SOARES, José de Lima. Da experiência do cinema novo ao novo cinema brasileiro do século XXI: uma abordagem sociológica e política do filme Bacurau. **Revista Wamon** v. 5, n. 1, 2020, p. 165-190. (Revista dos alunos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFAM).

TROTSKY, Leon. **Questões do modo de vida.** Lisboa: Antídoto, 1979.

VIANA, Nildo. **A concepção materialista do cinema.** Porto Alegre: Asterisco, 2009.

XAVIER, Ismail (Org.). **A experiência do cinema:** antologia. Rio de Janeiro: Graal: Embrafilme, 1983.